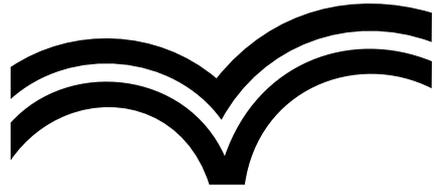


Apostila Plágio e Originalidade





UNIASSELVI

Construa sua própria história.

PLÁGIO E

ORIGINALIDADE

Apresentação

“Todo homem nasce original e morre plágio”. Essa frase, atribuída ao desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro Millôr Fernandes, além da peculiar irreverência de que se reveste, talvez possa resumir uma problemática que se agudiza nos tempos atuais, mas que, na verdade, é uma prática que vem desde os tempos de escola, na educação básica, com o uso de textos alheios em pesquisas feitas pelos alunos. Todo ato de criação é eminentemente pessoal, e toda e qualquer criação possui direitos autorais, sendo o plágio um grave ilícito contra a propriedade intelectual.

Com o advento da internet, a incidência de plágio tem sido potencializada, especialmente no universo acadêmico, tanto por alunos como por professores, configurando-se a rede mundial de computadores como uma poderosa máquina facilitadora da cópia. Além da internet, a cópia poderá ser feita de materiais bibliográficos. O plágio, conforme é realçado no presente trabalho, consiste em tomar posse de obra alheia, havendo até mesmo casos em que o plagiador comete os mesmos erros gramaticais da obra plagiada.

O que se espera de um pesquisador acadêmico é que, no mínimo, seja íntegro, e mais, que se valha de originalidade em suas pesquisas. Que na produção de obras intelectuais faça citações a outros textos, das fontes de onde bebeu. Assim, não haverá razões para se considerar plágio um texto em que se faz, corretamente, referência a outro(s) texto(s). Basta referenciar, como se enfatiza neste trabalho, em que se procura definir, de forma resumida, o que é plágio, o que a legislação brasileira diz sobre esse assunto, e ainda referenciando quais são os tipos de plágio, através de exemplos, e como identificá-los em um texto.

Como produtores de obras intelectuais, devemos primar pela qualidade do material e evitar problemas, sabendo-se que há sanções previstas na legislação. Devemos incentivar a criatividade, desestimulando a cópia facilitada, para que se construa conhecimento com originalidade, com leituras e interpretações adequadas da teoria estudada.

Equipe Revisão

1 PLÁGIO: DIREITOS AUTORAIS VIOLADOS

O texto literário é um palimpsesto. O autor antigo escreveu uma “primeira” vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexistem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígio, a invenção, nunca tão nova que não se apoie sobre o já-escrito. (SCHNEIDER, 1990, p. 71)

O plágio é uma prática que vem desde os tempos de escola, na educação básica, quando o aluno, ao fazer uma pesquisa, utiliza-se de textos alheios para a composição do seu próprio texto, fazendo uso, literalmente ou não, das palavras dos autores consultados. Infelizmente, apesar das discussões no meio acadêmico, a prática do plágio aparece dentro da academia na transcrição das palavras e/ou ideias de outros autores.

Toda e qualquer criação, como textos de obras literárias, científicas, obras audiovisuais, fotográficas, ilustrativas, entre outras, possui direitos autorais. No que se refere ao conhecimento científico, este é de domínio público; contudo, deve obrigatoriamente ser referenciado. Segundo o Código Civil, Lei nº 10.406/2002, art. 1.228, “O proprietário tem a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, e o direito de reavê-la do poder de quem quer que injustamente a possua ou detenha”.

As penalidades que poderão recair sobre os infratores estão regidas no Código Penal – Decreto-Lei nº 2.848/40, art. 184, o qual prevê **multa ou detenção**. Conforme o parágrafo primeiro desta lei, a infração torna-se mais grave quando consistir na **reprodução com fins lucrativos**.

2 TIPOS DE PLÁGIO

Embora não haja uma classificação clara e específica do assunto, vamos abordar alguns tipos de plágio mais comuns e apontados por diversos pesquisadores da área.

Há de se notar que é importante também observar o contexto (no nosso caso) em que ocorre o plágio: o universo acadêmico, perpetrado por estudantes, jovens em formação, ou por professores, adultos graduados, pesquisadores do conhecimento e exemplos para as novas gerações. O plágio de um professor, obviamente, tem consequências muito mais amplas (e nefastas) que as de um estudante.

Vejamos então alguns tipos de plágio, conforme Garschagen, [s.d.] (apud SILVA, 2008):

a) Plágio integral (ou direto): cópia integral do texto, palavra por palavra, sem citar a fonte. Ex.:

QUADRO 1 – EXEMPLO DE PLÁGIO INTEGRAL OU DIRETO

ORIGINAL	PLÁGIO	CITAÇÃO DIRETA (CORRETA)
[...] a Filosofia nasce na ágora , praça pública, que era em sua época o espaço de interação entre as pessoas.	Podemos dizer então que a filosofia nasce na ágora , praça pública, que era em sua época o espaço de interação entre as pessoas. (TOMELIN; SIEGEL, 2010). Obs.: O texto em negrito é reprodução literal da fonte original, mas o redator não indicou isto claramente: não usou as aspas e o texto parece uma paráfrase. Na realidade é uma cópia.	Podemos dizer então, conforme Tomelin e Siegel (2010, p. 3, grifo no original), que “[...] a Filosofia nasce na ágora , praça pública, que era em sua época o espaço de interação entre as pessoas”.

FONTE: Revisão – NEAD

b) Plágio parcial (ou indireto): reelaboração de parágrafos ou frases de um ou vários autores, sem citar a fonte. É chamado também de plágio mosaico, quando se usam ideias de vários autores (sem mencioná-los), mudando palavras, acrescentando informações (KIRKPATRICK, 2012). Ex.:

QUADRO 2 – EXEMPLO DE PLÁGIO PARCIAL OU INDIRETO

ORIGINAL	PLÁGIO	CITAÇÃO INDIRETA (CORRETA)
É esse o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo. REFERÊNCIA: DAMÁSIO, Antonio R. O erro de Descartes : emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 280.	A separação cartesiana entre corpo e mente pode ser considerada um equívoco porque supõe que o sofrimento e as dores do corpo acontecem independentemente dos juízos morais e dos elementos emocionais.	Para Damásio (2001), a separação cartesiana entre corpo e mente pode ser considerada um equívoco porque supõe que o sofrimento e as dores do corpo acontecem independentemente dos juízos morais e dos elementos emocionais. REFERÊNCIA: DAMÁSIO, Antonio R. O erro de Descartes : emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 280.

FONTE: Plágio.Net (2012)

De acordo com o *site* Plágio.Net (2012), esse tipo de plágio ocorre quando o redator elabora uma paráfrase, isto é, apresenta informações de um documento consultado com suas próprias palavras, mas não apresenta a indicação (citação) nem a identificação (referência) da obra original. Neste caso, ainda que a obra consultada esteja listada no final do trabalho, a ausência da citação (indicação) do autor no local exato onde a ideia original foi reescrita configura plágio.

c) Plágio conceitual: uso de ideias, conceitos ou teorias, utilizando outras palavras ou com modificações superficiais, sem citar a fonte original (autor). Ex.:

QUADRO 3 – EXEMPLO DE PLÁGIO CONCEITUAL

ORIGINAL	PLÁGIO	CITAÇÃO INDIRETA (CORRETA)
<p>Segundo Luders e Astorane (2000), a Doença de Alzheimer (DA) é uma doença neurológica degenerativa progressiva que compromete o cérebro, causando: diminuição da memória, dificuldade no raciocínio e pensamento, alterações comportamentais e fisiológicas e demência. É definida por muitos como "mal do século" e "epidemia silenciosa". (BERTOLUCCI, 2006). [...]</p> <p>FONTE: FORLIN, Claudia. Mal de Alzheimer. 6 abr. 2010. Disponível em: <http://www.artigonal.com/medicina-artigos/mal-de-alzheimer-2103890.html>. Acesso em: 14 mar. 2012.</p>	<p>Podemos afirmar que a Doença de Alzheimer (DA) é uma doença que afeta o sistema nervoso, é degenerativa e aos poucos compromete o cérebro. Há diminuição da memória, dificuldade no raciocínio e pensamento, além de mudanças comportamentais e fisiológicas. Provoca demência. Muitos a denominam "mal do século" e epidemia silenciosa" .</p> <p>Obs.: Embora o texto tenha sido alterado, a ideia dos autores continua presente, sendo necessário citar a(s) fonte(s).</p>	<p>Podemos afirmar, de acordo com Luders e Astorane (2000 apud FORLIN, 2010), que a Doença de Alzheimer (DA) é uma doença que afeta o sistema nervoso, é degenerativa e aos poucos compromete o cérebro. Há diminuição da memória, dificuldade no raciocínio e pensamento, além de mudanças comportamentais e fisiológicas. Provoca demência. Segundo Bertolucci (2006 apud FORLIN, 2010), muitos a denominam "mal do século" e "epidemia silenciosa" .</p>

FONTE: Revisão – NEAD

Convém abordar ainda outro tipo de plágio, comum entre autores de artigos e de material didático, o **autoplágio**. Considerado uma fraude de autoria, o autoplágio faz uso de mesmas ideias ou conceitos em trabalhos diferentes: é uma "[...] fraude deliberada da qual o autor se vale em proveito próprio [...], como artefato para a elevação artificial do volume de sua produção publicada". (MENANDRO apud MUNHOZ; DINIZ, 2011, p. 51).

O autoplágio é polêmico, afinal de contas, alguém poderia perguntar: é possível roubar de si mesmo? Na escrita, o autoplágio ocorre quando os autores reutilizam o seu próprio trabalho escrito anteriormente ou utilizam dados de um produto 'novo' sem deixar o leitor saber que esse material já apareceu em outro lugar. Esse é o caso comum de trabalhos

que publicam artigos novos com grupos experimentais maiores, com análises mais detalhadas, sem mencionar que anteriormente um estudo menor já havia sido feito.
(PLÁGIO..., 2012).

Esta é uma das formas mais comuns de plágio, mas certamente deve ser combatida, pois viola a regra do ineditismo de uma nova publicação.

nota!

CASOS DE PLÁGIO NA UnB

Por conta de uma denúncia de plágio feita por uma professora da Bahia, um estudante teve de voltar à Universidade de Brasília (UnB), em dezembro de 2005, para reapresentar uma dissertação de mestrado defendida em 2001. A comissão responsável por avaliar o caso optou pela reorganização do estudo. Mas outros 11 estudantes da especialização em Relações Internacionais da UnB não tiveram essa mesma oportunidade. Eles perderam todo o dinheiro investido no curso, em 2001, por plágio em trabalhos de uma disciplina. Os alunos entraram coletivamente com recursos na Justiça, em um total de cinco processos, mas perderam em todas as instâncias.

FONTE: IDEIAS roubadas. Disponível em: <<http://www.unb.br/acs/unbagencia/ag0706-27.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2012.

3 COMO IDENTIFICAR PLÁGIO

Após termos compreendido o que é plágio, o que a legislação brasileira diz sobre esse assunto e verificarmos quais são os tipos de plágios através de exemplos, neste item discutiremos sobre como podemos identificá-lo em um texto.

Sabemos que existem diferentes *softwares* disponíveis na internet para *download*, alguns grátis, outros que requerem o pagamento de uma licença para uso, que auxiliam a detectar a presença de cópia nos textos. Contudo, neste item, nosso objetivo é apresentar uma maneira simples e econômica, mas muito eficiente, de fazer essa identificação: o uso do *site* Google.

Se você já faz uso de algum *software*, potencialize os resultados que esse apresenta, realizando o que explicamos neste item.

dicas!

Para conhecer como renomadas editoras e revistas lidam com essa questão no seu dia a dia e quais estratégias utilizam para verificar a presença de plágio, faça uma busca na internet.

Quando fazemos a leitura de um texto e percebemos que o estilo de escrita muda (por exemplo, o texto inicia com a escrita em primeira pessoa, parágrafos curtos, frases curtas e, de repente, a escrita passa a ser em terceira pessoa, frases longas e parágrafos longos), temos um indício de que possa haver cópia. Outro indício de cópia é quando o texto inicialmente apresenta um estilo de formatação e depois modifica totalmente.

Outra dica bem simples é quando estamos arrumando a formatação do texto e damos um *enter* ou inserimos uma imagem que não estava presente no original e o texto pula de página ou se modifica por completo, ou, ainda, ao dar um *backspace* ou deletar algum trecho, o tipo e o tamanho de letra modificam.

Nesse momento, recomendamos que você abra a página do Google <www.google.com>, copie um trecho do texto que está lendo, cole-o no campo específico para pesquisa e analise os resultados.

A seguir, apresentamos, esquematicamente, o procedimento interno adotado para identificar cópia (plágio):

1º passo: analisar o texto tanto pela especificidade da área quanto pela originalidade, isto é, verificar se a teoria está explicada corretamente e procurar a presença de cópia.

importante!

A **responsabilidade** pelo conteúdo e pela certificação de que há originalidade, isto é, sem a presença de cópia (plágio), é do **especialista da área**, pois é ele quem tem domínio teórico para dizer se as discussões estão certas ou erradas, são **originais**, estão de acordo com o que foi contratado e, também, sugerir melhorias, tendo por base sua experiência advinda das leituras das diversas publicações sobre a temática.

dicas!

Para compreender melhor essa responsabilidade, assista ao debate disponível no seguinte *link*: <<http://www.youtube.com/watch?v=x8UrA1fX754>>.

2º passo: copiar trechos do texto e utilizar o *site* de busca Google para fazer a verificação da presença de plágio:

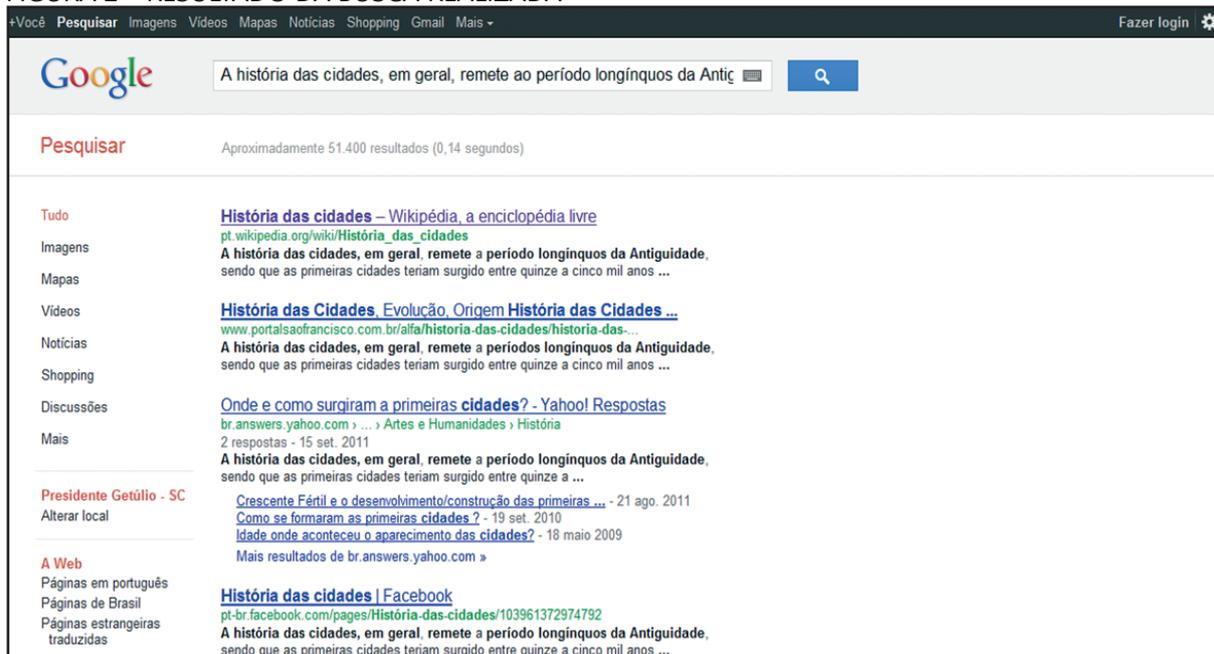
FIGURA 1 – UTILIZANDO O SITE GOOGLE



FONTE: Disponível em: <www.google.com>. Acesso em: 9 mar. 2012.

3º passo: analisar os resultados apresentados:

FIGURA 2 – RESULTADO DA BUSCA REALIZADA



FONTE: Disponível em: <http://www.google.com.br/webhp?hl=pt-BR#hl=pt-BR&site=webhp&sa=X&ei=g0BbT6uTHo_NtgfcrpiFDA&ved=0CBoQBSgA&q=A+hist%C3%B3ria+das+cidades,+em+geral,+remete+ao+per%C3%ADodo+long%C3%ADnquos+da+Antiguidade,&spell=1&bav=on.2,or.r_gc_r_pw,.cf.osb&fp=d8a6cb971aa44b9c&biw=1280&bih=619>. Acesso em: 9 mar. 2012.

Observando a figura anterior, podemos verificar que o trecho pesquisado aparece nos três primeiros *sites* apresentados pelo resultado da busca, portanto já podemos ficar atentos para o restante do texto, pois em algum momento poderá haver mais cópias.

Esses passos devem ser repetidos até finalizarmos todo o texto e assim nos certificarmos dos trechos em que há cópia ou não.

atenção!

Quando você estiver realizando essa atividade, aproveite o momento para referenciar o texto que foi encontrado em outras fontes. Liste os *sites* em que você encontrou a cópia e, se possível, faça *download* dos materiais, pois podemos encontrar cópias de arquivos que estão em formato PDF.

A cópia nem sempre aparecerá somente na internet. Ela poderá ser feita de materiais bibliográficos que você, especialista da área, tem conhecimento e já fez a leitura. Isso também é considerado plágio, portanto sinalize a prática dessa atividade. Lembre-se: você é responsável pela certificação da originalidade e da qualidade do material.

4º passo: caso seja encontrada cópia, esse acontecimento deve ser reportado aos responsáveis, para que tomem as devidas providências.

Como já mencionamos, essa é uma entre várias estratégias que existem para verificar a presença de plágio. Essas estratégias são utilizadas porque devemos primar pela qualidade do material e evitar problemas. Recomendamos que ninguém recorra à facilidade de copiar, mas que construa conhecimento, escrevendo com palavras próprias sobre a leitura e a interpretação da teoria estudada.

4 REFLEXÃO SOBRE INTERTEXTUALIDADE, DIALOGISMO E PLÁGIO

Ao produtor de texto cabe, além de outros fatores, saber estabelecer os conceitos de dialogismo e intertextualidade, para obter um entendimento sobre plágio, com o objetivo de escrever seu texto com propriedade, segurança e perfeição.

A primeira questão para compreender a intertextualidade é entender o que é dialogismo.

Dialogismo, especificamente o dialogismo textual, é a denominação que se dá às referências que um texto faz de outro texto. Assim, não há texto que é original por excelência. Todo texto possui marcas de outro texto que existiu antes. Percebe-se que a partir do exposto, um texto dialoga com outro texto e por isso se justifica o termo dialogismo. Reforçando o conceito de dialogismo, Knoll (2012) assegura que “[...] nenhum enunciado é pioneiro ou original, assim como nenhum enunciado se origina

no indivíduo; tudo está relacionado, tanto enunciados quanto sujeitos interlocutores, de modo que um enunciado ou sujeito responde a outros enunciados ou sujeitos". Essa relação corresponde ao dialogismo a que Bakhtin (1992) fez referência.

Eis um exemplo de dialogismo do dia a dia. Os jornais, normalmente, possuem uma seção de cartas no qual os leitores podem interagir com as notícias publicadas no dia anterior. Desta forma, os leitores conseguem dialogar com as notícias e matérias publicadas. Não importa se eles se posicionam contra ou a favor da notícia publicada. Isto também é dialogismo.

O filósofo e linguista russo Mikhail Bakhtin é considerado o maior estudioso do dialogismo. Para ele, a palavra-chave da linguística é o diálogo.

A intertextualidade é um diálogo entre dois ou mais textos. Todo texto se alimenta de outros textos, seja de forma clara ou subentendida. Assim, os textos se constroem como um mosaico de citações, que são a absorção e a transformação de textos já existentes. A intertextualidade é condição para a produção de textos. Entende-se com isto que um texto sempre toma posição em relação a outros textos. Isto também acontece com um filme em relação a outro, um filme em relação a um programa de televisão, um conto em relação a outro conto ou a uma crônica, uma pintura em relação a outra pintura ou a uma fotografia, ou mesmo um poema em relação a um texto em prosa.

A intertextualidade consiste em citar de forma direta ou indireta outro texto já existente, ou transcrevê-lo de forma irônica ou como crítica social.

A intertextualidade possui um campo de ação tão amplo que atinge todos os produtores de textos. Incluem-se aqui os textos escritos e falados. Eis outro exemplo prático: quando pensamos em escrever uma carta, um *e-mail* ou mesmo um tipo de texto mais abrangente, existe um modelo mais ou menos pronto em nossa mente, porque, mesmo sem intenção, em outro momento nós nos apropriamos dele.

"Levando em consideração que a inscrição de um texto em outro se mostra diferentemente nos mais diversos textos" (KNOLL, 2012), podemos entender que existem diferentes processos de intertextualidade. Segundo Fiorin (2003, p. 30), "[...] esses processos são: citação, alusão e estilização".

No primeiro processo, o da citação, citam-se proposições ou palavras provenientes de outro texto. Em outras palavras, apresenta-se um trecho e/ou um dado da obra. A citação deve ser usada quando desejamos comprovar ou reprovar uma determinada ideia.

Na alusão, um texto remete a outro texto anterior sem utilizar-se de partes desse texto (KNOLL, 2012). Neste caso o sentido se mantém.

No processo da estilização reproduz-se o estilo de discurso de outro enunciador. Temos como exemplo a paródia. Nesses casos, a palavra tem um duplo sentido.

O plágio consiste em tomar posse de uma obra de outro autor, ou seja, plágio é tomar para si a autoria de um texto, ou mesmo de uma ideia que não é originalmente nossa.

Não pode ser considerado plágio um texto em que se faz referência a outro texto. Basta referenciar.

Cabe a nós, desta forma, ter clareza dos conceitos de dialogismo, intertextualidade e plágio ao escrever nossos textos, tanto textos acadêmicos/científicos como textos literários, e aplicá-los durante a escritura textual, citando os autores consultados.

Leitura Complementar

Plágio: uma questão de ética *Sandra Pontes*

Não é de hoje que nos deparamos com casos de plágio. Músicas, livros, enredos de novelas, contos, roupas, monografias e trabalhos escolares... Tudo o que depende de criação é passível de ser copiado. Tudo pode ser copiado. Não deveria, mas pode. Um namorado apaixonado pode muito bem entrar num *site*, reproduzir um poema, que ali encontrou, num pedaço de papel e entregá-lo à sua amada, chamando para si a autoria. Quem vai saber?

São inúmeras as possibilidades que a internet oferece para quem quer simplesmente copiar o trabalho alheio.

"Ora", dirão alguns, "*foi só um poeminha*". Sim. Um poeminha. E daí? Poderia ter sido uma frase. Um círculo com um risco no meio, um *post* em branco... Mas **TEM AUTOR!** E um autor que se encontra no direito de receber os créditos por algo que criou. É uma questão de respeito. No mínimo.

NÃO PODEMOS deixar que o plágio aconteça de forma impune. **NUNCA.** Nós temos o péssimo costume de relevar os problemas, acontecimentos que se passam com outras pessoas. Até que aconteçam conosco. Aí dói. Ofende. Avilta.

O que se discute aqui é uma questão de moral, de caráter, da tão ausente ética. Não é apenas uma questão de educação. A educação de um ser humano vai até certo ponto. Os pais não podem ser culpados pela falta de caráter de um filho, eternamente. Num país onde exemplos de falta de moral, de maracutaias políticas, de roubos consentidos e obras superfaturadas; onde ladrões de dinheiro público atuam na política e sobre eles pipocam notícias na TV a cada cinco minutos, o que podemos esperar? Que o povo, que vê e assiste a tudo isso calado, ache que este comportamento é "normal", "natural" e também se aproprie de bens alheios. Moral e caráter se moldam ao longo do tempo, tendo a ética como base. O ambiente social influi, mas não basta por si só. As pessoas moldam-se conforme suas próprias conveniências, pelo esforço que estão dispostas a despender para conseguir alcançar objetivos, posição social, amealhar alguns bens. Alguns formam-se pela rapidez de resultados, estimulados que são por uma mídia interessada apenas em transformar todos os cidadãos em meros consumistas. Consoma, mesmo que roubando! É o que estão a nos dizer diariamente.

E é tão mais fácil roubar um bem alheio, vendê-lo e pegar uns trocados que trabalhar o mês todo, num escritório, e ganhar a merreca de um salário mínimo, não?? *"O tonto que trabalhe para comprar seu carro, e o outro que escreva algumas palavras e eu vou lá só para roubar!"*. E é contra pensamentos desvirtuados e imorais desse tipo que temos que brigar. Temos o direito a uma vida sem violência, sem assaltos (virtuais ou reais), sem medo. Temos que brigar para que maus exemplos de roubo, seja na vida pública ou privada, acabem e sofram punições. Temos que parar com essa coisa de que, se não nos atinge diretamente, desligamos a TV, rasgamos o panfleto, deletamos o e-mail.

Não queremos ser os eternos tontos que se calam frente aos inúmeros "assaltos" que vemos todos os dias! Não queremos ser a imagem fiel dos "três macaquinhos": não vemos, não falamos e não ouvimos o que acontece à nossa volta. CHEGA!

A Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98) prevê:

"Das Obras Protegidas - Art. 7º - São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

I – os textos de obras literárias, artísticas ou científicas; ..."

"Expressas por qualquer meio". Internet é um meio de publicação. A partir do momento em que alguém posta um conto, um poema, uma crônica, uma frase, qualquer texto INÉDITO, o dono do *blog* ou *site* passa a ser o autor, perante a lei, daquela obra, e somente ele tem o poder de ceder ou não seu texto para ser exposto em outro local.

Toda criação humana, seja literatura ou quaisquer outros bens, podem e DEVEM possuir um “registro de marca”, uma patente ou ter seus direitos autorais reconhecidos, conforme o caso. No caso de obras literárias, se não forem publicadas, devem ser listadas e enviadas à Biblioteca Pública Nacional para o devido registro da autoria.

PLÁGIO É CRIME! Divulgue essa ideia. Revolte-se quando souber que um texto seu foi copiado sem os devidos créditos.

FONTE: PONTES, Sandra. Plágio: uma questão de ética. Disponível em: <http://sandrapontes.com/?page_id=816>. Acesso em: 28 mar. 2012.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. **Código Civil**. Lei nº 10.406, de 10/1/2002, art. 1.228. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 29 fev. 2012.
- _____. **Código Penal**. Decreto-Lei nº 2.848, de 7/12/1940, artigo 184. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848.htm>. Acesso em: 29 fev. 2012.
- CARTILHA sobre plágio acadêmico. Disponível em: <http://www.cecc.eng.ufmg.br/cartilha_sobre_plagio_academico.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- FIORIN, J. L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- FORLIN, Claudia. Mal de Alzheimer. 6 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/medicina-artigos/mal-de-alzheimer-2103890.html>>. Acesso em: 14 mar. 2012.
- KIRKPATRICK, Ken. Evitando plágio. Disponível em: <<http://www.lepem.ufc.br/jaa/plagio.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- KNOLL, Graziela Frainer. Intertextualidade: o anúncio publicitário como produto de relações dialógicas. Disponível em: <www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_010/artigos/.../113.htm>. Acesso em: 16. mar. 2012.
- MUNHOZ, Ana Terra Mejia; DINIZ, Debora. Nem tudo é plágio, nem todo plágio é igual: infrações éticas na comunicação científica. **Argumentum**, Vitória, ano 3, n. 3, v. 1, jan./jun. 2011.
- PERISSÉ, Gabriel. Disponível em: <<http://www.ar.art.br/informateca/escritos/artigos/plagio.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2012.
- PLÁGIO.NET. Em defesa da integridade acadêmica. Disponível em: <<http://www.plagio.net.br/index-1-menu3.html>>. Acesso em: 13 mar. 2012.
- PLÁGIO e direito do autor no universo acadêmico. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/noticias/nce_plagio.html>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- PLÁGIO em publicações científicas. Disponível em: <<http://arsphysica.wordpress.com/2011/01/08/plagio-em-publicacoes-cientificas/>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 38, maio/ago. 2008.
- TOMELIN, Janes Fidélis; SIEGEL, Norberto. **Filosofia**: caderno de estudos. Indaial: UNIASSELVI, 2010.